

FESTAS JUNINAS: UM ESTUDO DAS CELEBRAÇÕES COMO REFERÊNCIAS IDENTITÁRIAS DO VALE DO AÇU

J. C. Rocha¹; A. M. N. Moura²; E. S. B. Tavares³

E-mail: jalyson.rocha@hotmail.com¹; ana.moura@ifrn.edu.br²; edseisy.tavares@ifrn.edu.br³

RESUMO

A cultura é um importante meio de se estudar as sociedades. Ela é construída ao longo do tempo pelos sujeitos inseridos em grupos sociais a partir de uma memória coletiva, originando uma identidade. Durante seu processo de construção, passa por mutações e vai se reorganizando de acordo com o interesse do grupo. Partindo desse conhecimento, decidimos investigar as

atividades culturais presentes na festa junina do Vale do Açu, considerada patrimônio popular local, por meio da observação etnográfica e do relato oral daqueles que as praticam. O ensejo que nos levou a fazer este estudo foi tentar compreender as relações socioculturais da região onde se localiza o IFRN – Campus Ipangaçu.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura, festas juninas, Vale do Açu, identidade.

JUNE PARTIES: A STUDY OF THE CELEBRATIONS AS IDENTITARY REFERENCES OF VALE DO AÇU

ABSTRACT

Culture is an important means of studying societies. It is built over time by individuals included in social groups from a collective memory, causing an identity. During its construction process undergoes mutations for various reasons and will be reorganized in accordance with the interest of the group. Based on this know, we decided to

investigate the cultural activities present in June party Açu's Valley considered popular heritage site, through ethnographic observation and oral accounts of those who practice them. The occasion that led us to this is the need to understand the socio-cultural relations in the region where is located the IFRN - Campus Ipangaçu.

KEYWORDS: petroleum, environmental risks, drilling rig, the risk maps.

1 INTRODUÇÃO

A concepção de patrimônio cultural esteve, por muito tempo, relacionada a bens materiais que possuíam, por suas características físicas, valor artístico ou histórico para a humanidade. Dessa forma, o patrimônio cultural material, ou tangível, deveria representar uma determinada cultura e perpetuá-la aos seus descendentes, devendo, para isso, ser tombado. Essa ideia de patrimônio (assim como a de cultura) passou, no entanto, a ser cada vez mais relativizada, com a percepção de que o patrimônio era constituído a partir de referências identitárias de determinado grupo cultural.

Diante disso, o conjunto de bens que poderia ser considerado patrimônio também foi gradativamente ampliado, incluindo diversas manifestações artísticas, como saberes, festas, celebrações e expressões culturais. Além disso, objetos e lugares tangíveis também começam a ser preservados pelo seu valor simbólico – pelas práticas e vivências relacionadas a eles – e não mais pelas suas características físicas. Isso permitiu incluir no rol de bens culturais da humanidade elementos da cultura popular e iniciou uma ampla discussão sobre as formas possíveis para preservá-los ou perpetuá-los, já que o tombamento não se mostrava mais como prática apropriada para essa nova categoria de patrimônio.

Considerando isso, em 2011, iniciou-se o projeto “Em Busca do Patrimônio Cultural Imaterial no Vale do Açu”, com o objetivo de mapear as produções culturais presente no Vale do Açu, microrregião do estado do Rio Grande do Norte. Na ocasião, percebemos as festas juninas como uma manifestação cultural muito importante para a população local, iniciando um novo projeto com o objetivo de investigar as referências identitárias relacionadas a essas celebrações, considerando-as patrimônio cultural imaterial do Vale do Açu.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Existem inúmeras formas de estudar um determinado povo. Uma das mais abrangentes é através da sua cultura. Este vocábulo tão complexo e discutido abrange não só a humanidade como um todo, e por consequência seus costumes objetivados, mas também especifica unicamente cada grupo social (SANTOS, 1983). Por essa variação cultural, várias vezes acabam-se criando uma hierarquização das culturas, com suposições que umas são superiores às outras. Idealizou-se que existe apenas uma verdade cultural e em decorrência disso cada grupo apresenta um comportamento etnocentrista que julga e sobrepõe o comportamento de outro grupo.

Para José Luiz dos Santos, uma concepção de cultura é que esta é formada por: conhecimento, ideias e crenças de um povo (1987). Sendo assim, é importante direcionarmos nosso olhar de acordo com os seus praticantes se quisermos compreendê-la. Isso se deve em grande parte porque a cultura reflete as identidades das pessoas, que colocam sua vivência no “fazer” dessa cultura, e esta acaba refletindo essas identidades. Assim, constituiu-se a ideia de memória.

Tem-se que destacar que tanto a cultura como a memória é mutável. Com isso o grupo praticante da cultura filtra, conscientemente ou não, o que deve ser perpetuado ao longo do tempo, pois a memória se constitui como o elo entre a identidade e a cultura, ou seja, as práticas que serão perpetuadas tem que representar um caráter identificador para o seu povo e esse caráter se dá a partir do momento em que o indivíduo se considera parte daquele grupo, através da memória que existe nele (POLLAK, 1989).

A união desses conceitos é que possibilita a percepção do patrimônio de um grupo, como todo o material ou o imaterial que é importante para ele. Esse patrimônio vem sendo estudado em dois grupos: tangível ou material (“pedra e cal”) e intangível ou imaterial (ABREU; CHAGAS; 2003). A união desses é que cria as particularidades de cada grupo, diferenciando, assim, uma cultura de outra, de acordo com suas especificidades. Trabalharemos aqui com a ideia de patrimônio imaterial que segundo a UNESCO é:

O conjunto das manifestações culturais, tradicionais e populares, ou seja, as criações coletivas, emanadas de uma comunidade, fundadas sobre a tradição. Elas são transmitidas oral e gestualmente, e modificadas através do tempo por um processo de recriação coletiva. Integram esta modalidade de patrimônio as línguas, as traduções orais, os costumes, a música, a dança, os ritos, os festivais, a medicina tradicional, as artes da mesa e o “saber-fazer” dos artesanatos e das arquiteturas tradicionais. (*apud* ABREU, 2003)

Com isso nos propomos a analisar especificamente uma vertente do patrimônio imaterial: as festas e celebrações, mais especificamente os festejos juninos no Vale do Açu/RN, que possuem caráter popular e em processo de modernização. Uma característica desse processo é o “cruzamento” de elementos culturais, como nos explica Néstor Garcia Canclini:

Por extensão, é possível pensar que o popular é constituído por processos híbridos e complexos, usando como signos de identificação elementos procedentes de diversas classes e nações. (1998; p. 220-221)

As festas estão entrelaçadas entre a vida dos indivíduos de um grupo e estão constantemente interferindo uma nas outras e no viver dos praticantes. Essas, assim como toda forma de cultura carregam consigo diversos valores e com o passar do tempo, inúmeras ressignificações, que são constantes e dinâmicas, determinadas por diversos fatores (NEPOMUCENO, 2008). Principalmente o econômico, como apresentado por José Marques de Melo:

Estamos em pleno processo de transmutação da nossa identidade cultural, compelidos a continuar importando padrões oriundos das matrizes da indústria mundial de bens simbólicos [e misturá-los com as nossas práticas culturais]. (2008; p. 43)

Essas festas juninas marcam um sentimento identitário, de pertencimento e alegria nas regiões onde estão presentes. O sociólogo francês Roger Bastide (1898-1974) que morou no Brasil afirmou que estas seriam a “fête de paysans et une fête familiale (...), a fête brésilienne par excellence” (*apud* CHIANCA, 2011), isto é, “festa dos camponeses e festa de família (...), festa brasileira por excelência”. Isso pode ser percebido, por exemplo, com o fluxo migratório que ocorre nessa época do ano, tanto por turistas que estão indo se divertir, como também por pessoas que voltam para sua terra natal a fim festejar os santos juninos e rever amigos e

familiares; o fluxo de pessoas nessa época é tão amplo que chega a ser maior que do que o fluxo no Ano Novo e Natal, consideradas festas da família (NEPOMUCENO *apud* CHIANCA, 2011).

Isso ajuda a solidificar o São João como um forte atrativo turístico, principalmente na região Nordeste, onde as festas são consideradas tradicionais. Através da continuidade dessas festas ano após ano, pelo processo de repetição, criou-se o costume de participar e de vivenciar essas festas (cf. HOBBSAWM, 1984).

Essas celebrações, sobretudo a festa “profana”, vêm crescendo desde o final do século XX devido a dois principais motivos: a) interesse jornalístico pela divulgação e b) o processo de “rurbanização” (*apud* CHIANCA, 2011). Notou-se, a partir da década de 1990, que o encontro de indivíduos nas festas já não acontece tão somente com o objetivo de solenizar o passado, mas também de renovar os laços familiares e fraternais, gerando crescimento nos setores econômicos.

Essa é uma época onde cada região apresenta sua especificidade e onde a população e até os migrantes se identificam (SILVA, 2011). Em grande parte esse fato ocorre pelo processo de resignificação que está presente na dinâmica dessas festas, mas que apresenta um grande problema, pois a resignificação se dá de uma forma tão devastadora com a implementação de fatores nos âmbitos políticos, econômicos e socioculturais que fazem com que as festas percam uma grande parte de sua essência (NEPOMUCENO, 2011). Porém, segundo Néstor Garcia Canlini:

É preciso perguntar-se agora em que sentido e com quais fins os setores popular aderem à modernidade, buscam-na e misturam-na a suas tradições. (1998; p. 206)

O problema não é haver a resignificação no costume em si, mas sim, ela estar submetida e só ocorrer em função da matriz socioeconômica mundial. Segundo Eric Hobsbawm, o costume:

Não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente. Sua função é dar a qualquer mudança desejada (ou resistência à inovação) a sanção do precedente, continuidade histórica e direitos naturais conforme o expresso na história. (1984; p. 09)

3 METODOLOGIA

Um meio de analisar a cultura de um povo é dar atenção para que este se mostre através de suas manifestações culturais, onde devem estar presentes sua identidade e memória. Na história do Vale do Açu, o mês de junho se tornou a época de divulgação desses valores através das festas alusivas aos santos juninos. Para que as celebrações fossem analisadas de modo que os pesquisadores pouco interferissem, optou-se por métodos: de mapeamento *in loco*; observações etnográficas e coleta de depoimentos; e entrevistas semiestruturadas.

A partir disso foi possível dividir as cidades e comunidades em dois segmentos: aquelas que iriam realizar o festejo junino e as que não iriam. Das que tinham programações para 2012 foram escolhidas as localidades de Assú, Pendências e Pataxó (comunidade rural de Ipangaçu), não só por serem importantes para a identidade local, mas também por facilidade de acesso por parte dos pesquisadores.

Tomamos nota nas secretarias municipais de cultura que o Ministério Público recomendara que as festas não acontecessem devido a “grave situação de estiagem enfrentada”. Entretanto, a prefeitura de Assú sentenciou que elas aconteceriam; Ipanguaçu tomou a mesma decisão quanto à festa de Pataxó; e Pendências decidiu manter a festa religiosa e apresentações de quadrilhas, excluindo os *shows* artístico-musicais.

Partimos para a observação etnográfica. Para tal, elaboramos roteiros de observação, visando detalhar as características do público, como vestimentas dos participantes e o sentimento expresso por estes; a organização do espaço onde ocorriam os festejos; e realizamos coleta de depoimentos durante os eventos com alguns manifestantes que fazem parte dos mesmos, como as “tradicionais doceiras” e os representantes de quadrilhas, destacando as médias de idades destes e o interesse de cada indivíduo pela manutenção e perpetuação da manifestação a qual faz parte.

A partir das coletas de depoimentos concedidas pelos habitantes das localidades observadas, destacaram-se alguns nomes ditos como importantíssimos para a identidade dos festejos. A partir daí, foram organizadas entrevistas semiestruturadas que foram realizadas com Donatila, Padre Canindé (ambos de Assú), Branco, Cheiro (ambos de Pendências) e Dedé (de Pataxó). Para tanto, foi utilizado um gravador para registrar o áudio da entrevista e então fazer a transcrição e análise da mesma.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com a observação etnográfica, notamos nos rostos e ações dos populares das festas que estas possuem significados e importâncias diversas, sempre um momento auspicioso, e que não mediriam esforços para que as mesmas acontecessem. Isso fica bem claro partir do momento que as três localidades deixaram de lado a problemática da estiagem, que oprimiu e oprime principalmente à esfera rural, para que uma festa, que necessita de recursos econômicos públicos, acontecesse. E são justamente os moradores rurais, agricultores castigados pelas secas, quem mais participam das celebrações religiosas, movidos, aparentemente, pela fé.

Outro ponto foi quanto às roupagens dos participantes, observadas durante a festa religiosa e a festa “social”, detalhe importante para a maioria dos participantes dos festejos; a sofisticação se tornou corriqueira, não diferenciando muito as classes sociais – outra herança da modernidade. Já a organização do espaço cria um clima cada vez mais urbano e sofisticado, onde os elementos populares tendem a se reorganizar para atender às necessidades modernas: os vendedores de milho verde e pipoca de milho, por exemplo, foram deslocados para longe dos centros das festividades, para que estes locais fiquem disponíveis à espetacularização.

A festa junina na cidade de Assú, alusiva a São João Batista, em particular, ganhou notoriedade ao longo do tempo e hoje é considerada a maior e melhor festa da região. Isso se deu por ter incorporado os elementos da modernidade – sobretudo da tecnologia, como o uso de telões que a divulgam em tempo real para todas as localidades do Anfiteatro Arcelino Costa Leitão, onde ano a ano a mesma ocorre – com mais facilidade por ser a capital do Vale, onde a troca de mercadorias é mais intensa e o número de pessoas, maior. Isso influencia na escolha dos

turistas que migram para a cidade na época dos festejos considerando encontrar opções variadas de divertimento. Os donos de pousadas e de bares já comemoram quando chega esta época.

Para alguns, a ocasião é oportuna para vender suas mercadorias, como as “tradicionalis doceiras” (presentes em Assú) – idosas, em sua maioria, que passaram por cursos de profissionalização promovidos pela prefeitura –, como também de expressar sua manifestação artística, como as quadrilhas (presentes nas três localidades), sendo elas tradicionais (também chamadas de “matutas”) ou estilizadas, como também as apresentações de teatro popular (presentes em Assú); para outros, de fé e devoção; e ainda um momento de diversão devido aos *shows* artístico-musicais, em sua maioria bandas e artistas que ganharam notoriedade no meio popular e que fazem a alegria daqueles que vão às festas “sociais”.

Através das coletas de depoimentos, que foram aplicadas nas três localidades, percebemos que os vendedores que comercializam durante as festas, sejam eles da cidade, sejam eles de outras urbes, passam pelo mesmo processo de readequação aos novos padrões e necessidades econômicas vindas com a modernidade, e esses novos protótipos vão sendo congregados a sua identidade. Nesse grupo se incluem também as doceiras, que, embora ainda produzam seus alimentos tipicamente juninos, introduzem outros alimentos que são considerados atípicos da festa junina em função dos padrões modernos e necessidades econômicas sem deixar de ser “tradicionalis”. Quanto aos representantes das quadrilhas, estes deixaram claro o descontentamento com o desinteresse dos jovens para com a manifestação, principalmente quanto à participação nesta, elencando a importância da mesma para a perpetuação da identidade junina como tradição nordestina.

As entrevistas semiestruturadas, por sua vez, foram aplicadas em dois representantes de Assú, dois de Pendências e um em Pataxó. Dividimo-los em três grupos, para facilitar a compressão de suas respostas: a) os que participam apenas da festa religiosa, b) os que transitam entre os dois momentos da festa, e c) aqueles que participam apenas da festa social.

O primeiro grupo é formado pelos dois representantes de Assú, Donatila Fernandes da Costa e o pároco Francisco Canindé dos Santos, que não nasceram na referida cidade, mas participam dos festejos juninos há tanto tempo que se sentem parte destes e são, pois, assim reconhecidos pela comunidade assuense. Através dos seus relatos, pôde-se perceber que a participação das pessoas na festa religiosa é cada vez maior e mais organizada do que antes fora, e que a festa da família por excelência se mantém popular, afirmaram contundentemente, embora os elementos da modernidade nessa também tenham sido ressaltados por ambos, mas como pontos negativos. Há outros momentos que tentam manterem-se estáticos, isto é, nas palavras dos entrevistados, “tradicionalis”, como a manifestação da passagem do ramallete, que ocorre todas as noites ao final da novena, destacada como um momento de “abrilhantar” a festa religiosa: as flores (que simbolizam “a vida, a festa, a alegria”) são repassadas pelos representantes da noite, os chamados “noiteiros”, como reprodução da renovação dos laços de devoção com santo batista e com o Cristo.

Já o segundo grupo, este é composto pelo representante de Pataxó, José Pereira da Silva (Dedé), e um dos representantes de Pendências, Manuel do Nascimento Silva (Cheiro). O que os

dois têm em comum, além da devoção aos santos juninos é a participação indireta na organização da festa social em suas respectivas comunidades, o que possibilita que eles tenham uma visão da festa junina como um todo. O primeiro entrevistado, Dedé, responsável pela organização da festa de Pataxó alusiva a São Pedro, destacou o caráter nostálgico que em sua época de infância a festa, comunal e participativa, apresentava; mesmo que esta acontecesse em apenas um dia, os valores do povo da comunidade, que também vinha de outras comunidades, eram mostrados, fazendo a festa crescer em número de pessoas e, por extensão, economicamente e socialmente. O fluxo de pessoas neste período é intenso e a alegria perpassa a todos aqueles que participam desta, mas principalmente àqueles que a organizam, permitindo a realização pessoal do povo em geral, o sentimento de orgulho. Por outro lado, destacou o nosso segundo entrevistado, coordenador financeiro da festa de São João Batista na cidade de Pendências, que o chama mais atenção os *shows* artístico-musicais, “bandas caras”, que levam essa festa para o lado mais turístico, embora ele defenda que a colaboração dos pendencienses no religioso é um fato, mas discorda com Dedé quanto à crença de que o popular continua presente nas festas – pelo menos não como antes.

O terceiro grupo é constituído apenas por João Zacarias Filho, conhecido na cidade de Pendências como Branco, líder da quadrilha tradicional “Rela e Rola”. Em seu julgamento, o hibridismo cultural e a modernidade pela qual as festas juninas passam é um fato inaceitável; que estes fazem os pendencienses, e por extensão os nordestinos, esquecerem a cultura da qual são “donos”. Devido a isso, é grande o seu desejo de manter tradicionais às quadrilhas, caso contrário perder-se-iam o *glamour* da festa junina e, por conseguinte, a identidade de nordestino. Já as quadrilhas, antes tidas como uma forma de agradecer ao santo batista pelas colheitas, não apresentam mais o caráter de uma simples dança, organizada com o único objetivo de sentir renovar a identidade nordestina, onde os trajes são “matutos”: agora existe uma competição, que sufoca a tradição com a expansão das quadrilhas estilizadas, consideradas por ele de elite. O espetáculo é tão intenso que chega ao ponto de algumas pessoas irem até Branco e o aconselharem a mudar a perspectiva de sua quadrilha para estilizada. Ou seja, tem-se em vista que não há mais interesse por aquilo que as gentes do passado faziam: o mais luxuoso sobrepõe inevitavelmente os costumes e estes precisam ser ressignificados, já que são populares. Entretanto, há outras pessoas que concordam com sua opinião e pedem para que continue com seu trabalho singular de “manter as tradições”. João Zacarias destacou que as participações e o interesse dos jovens quanto à manifestação são mínimas, o que permite concluir que estes são os primeiros que agregam os novos padrões modernos e tendem a querer que a festa como um todo também agregue.

5 CONCLUSÃO

Podemos ver que as mudanças sofridas ao longo do tempo da festa junina no Vale do Açu é um processo contínuo que ocorre ano a ano, por meio do qual as pessoas vão absorvendo novos valores, vindos com a modernidade, fazendo com que às práticas culturais independentes presentes nas festas juninas sejam ressignificadas, o que não quer dizer que deixem de representar a cultura desse povo. Os elementos antes tidos como identitários, agora são vistos como resquícios do passado e tendem a desaparecer e dar lugar a novos elementos e costumes,

que se enraízam e vão mudando com o processo natural de hibridismo cultural. A partir deste projeto, esperamos que seja possível o reconhecimento, registro e divulgação das práticas locais relacionadas aos festejos juninos, nos quais os sujeitos centrais desse processo possam expor sua visão sobre ele. O resultado da pesquisa pode ser aproveitado para atividades de ensino em que se proponha o conhecimento sobre as relações socioculturais locais, atividades que busquem uma interação com a realidade pesquisada, mas também esperamos abrir caminho para outras pesquisas, dado o caráter inacabado do conhecimento acadêmico e a vasta gama de possibilidades que se desdobra do nosso objeto de estudo.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. Introdução. In:_____. Memória e Patrimônio: Ensaio Contemporâneos. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1998.

CHAGAS, Mário. Memória e Patrimônio: Ensaio Contemporâneos. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

CHIANCA, Luciana. São João: a mais brasileira das festas [on-line]. In: Anais do II Colóquio Festas e Sociabilidades. Disponível via WWW no URL <http://anaiscolouiofestas2.wordpress.com/nomedoarquivo.html>. Internet, 2011. Capturado em 25 dez. 2012.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. A Invenção das Tradições. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

NEPOMUCENO, Cristiane Maria. A Festa Junina no Nordeste: no Limiar Entre Produto e Tradição Ressignificada [on-line]. In: Anais do II Colóquio Festas e Sociabilidades. Disponível via WWW no URL <http://anaiscolouiofestas2.wordpress.com/nomedoarquivo.html>. Internet, 2011. Capturado em 25 dez. 2012.

SANTOS, José Luiz dos. O que é cultura. 6. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987. (Coleção 110 Primeiros Passos)

SILVA, Luiz Custódio da. Os Festejos Juninos e a reinvenção das Identidades Culturais no contexto paraibano [on-line]. In: Anais do II Colóquio Festas e Sociabilidades. Disponível via WWW no URL <http://anaiscolouiofestas2.wordpress.com/nomedoarquivo.html>. Internet, 2011. Capturado em 25 dez. 2012.